



REVISTA DE
**LINGUAGEM DO CINEMA
E DO AUDIOVISUAL**

E-ISSN: 2316-218X

O ESPAÇO DO CINEMA NA DIDÁTICA DA HISTÓRIA

THE PLACE OF CINEMA IN THE HISTORY PEDAGOGY

Sara Dias Trindade & Ana Isabel Ribeiro . Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20)
Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Portugal
trindade.sara@gmail.com; ana.ribeiro74@gmail.com

RESUMO

Este artigo procura sublinhar o papel do cinema enquanto ferramenta didática no contexto das aulas de História e da necessidade de construir estratégias que explorem a complexa, mas desafiante relação existente entre História e cinema e como, em contexto de sala de aula, a sétima arte pode contribuir para a promoção das aprendizagens da disciplina, mas também para a aquisição de competências de compreensão da linguagem e do discurso subjacente à narrativa audiovisual. Num primeiro momento exploraremos, de forma breve, a relação entre História e cinema, mais propriamente as implicações e desafios metodológicos que a utilização do filme como fonte histórica coloca, mas também o debate em torno da ideia do cinema enquanto veículo construtor de perceções do passado e de memória histórica. Num segundo momento serão sistematizadas as potencialidades didáticas da utilização do cinema na situação de ensino/aprendizagem e serão

sugeridas estratégias de exploração de alguns filmes de ficção recentes. Neste ponto será dado destaque à necessidade de se desenvolverem estratégias que proporcionem um trabalho ativo com os estudantes, utilizando assim o cinema como fonte a partir da qual estes poderão e deverão extrair conhecimento histórico.

Palavras-chave: História, Cinema, Didática.

ABSTRACT

This article tries to underline the role of cinema as an educational tool in the context of History classes and the need to create strategies that explore the complex but challenging relationship between History and cinema and how, in the classroom context, the Seventh Art can contribute to the promotion of learning in class, but also to the acquisition of language comprehension skills and the discourse underlying the audio-visual

narrative. First, we will briefly explore the relationship between History and cinema, specially the methodological implications and challenges that the use of film as a historical source poses, but also the debate around the idea of cinema as a vehicle for past perceptions and historical memory. In a second moment the pedagogical potential of the use of cinema in the teaching/ learning situation will be systematized and strategies of exploration of some recent fiction films will be suggested. At this point, it will be emphasized the need to develop strategies that provide an active work with students, thus using the cinema as a source from which they can and should extract historical knowledge.

KEYWORDS: History, Cinema, Pedagogy.

O CINEMA E A HISTÓRIA

O cinema emerge como produto de um tempo histórico e de condições de desenvolvimento tecnológico que a era industrial proporcionou, mas porque evoluiu, e se adaptou, passou a acompanhar, a documentar e a refletir o próprio processo histórico contemporâneo.

No entanto, só o século XX e a abertura de novos campos históricos, mas sobretudo da noção de fonte permitiu legitimar essa assunção do cinema como documento histórico, simultaneamente captador e recriador de um determinado momento no processo histórico, porque, tal como Marc Ferro ou Peter Burke enfatizam, o cinema pode induzir o espetador numa falsa noção de testemunho de realidade, pois ao mostrar pessoas, situações e objetos que efetivamente estiveram perante uma câmara, mascara o facto de essas pessoas, essas situações, esses objetos, essas paisagens serem artefactos, recriações (BURKE, 2004, p. 200). Mas, essa assunção do carácter encenado do produto fílmico não elimina as potencialidades en-

quanto fonte histórica, obriga, contudo, a que o olhar do historiador procure a sua intencionalidade e a contextualize numa época concreta, com condicionamentos concretos (políticos, ideológicos, económicos, sociais...) que agiram sobre a conceção e produção do filme (NOVA, 1996). Mas esta noção não é estranha aos historiadores, sobretudo, os que trabalham com fontes secundárias e conscientes, cuja crítica envolve sempre uma decomposição da mensagem e o seu enquadramento num tempo e num contexto concretos que, muitas vezes, fornecem as chaves para descodificação dos objetivos e da informação que a fonte veicula ou que pretende veicular, ou seja, da intencionalidade subjacente.

Por outro lado, os filmes cuja temática está centrada em acontecimentos ou personagens históricas tendem a comprimir o processo histórico numa narrativa única e linear deixando pouca margem para interpretações alternativas, para o confronto de perspectiva, para a complexidade, para a dúvida que, tantas vezes, assalta ao discurso do historiador e que faz da História uma ciência sempre aberta à reinterpretção (ROSENSTONE, 1995, p. 22).

A capacidade de atração do cinema e a hegemonia da imagem nas culturas modernas leva a que muitos historiadores se interroguem sobre as possibilidades (e os desafios) de tornar o filme um veículo de comunicação da História, pois como sublinha Nóvoa,

o cinema, em grande medida por sua capacidade de produzir discursos sobre a história, por sua capacidade ontológica e epistemológica de representar a historicidade de uma época ou de um fenómeno, constrói, de uma só vez, uma narrativa na qual se acha imbricada uma explicação, que por mais que queira ser descritiva, é também explicativa (NÓVOA, 2008, p. 6).

Não se trata de transformar os cineastas em historiadores, no sentido do rigor e cientificidade que são exigidos a quem desenvolve trabalho historiográfico, como defendeu Marc Ferro (2010, p. 183-184), mas antes, e partindo da premissa já desenvolvida que o filmes, mesmo os históricos, são construções ficcionais e produtos do seu próprio tempo, entendê-los, também, como exercícios de interpretação histórica, que tentam estabelecer relações entre factos e explicações coerentes (SORLIN, 2001, p.38).

Contudo, não podemos deixar de considerar o seu apelo, a sua capacidade de atrair públicos, de despertar interesse para épocas, personagens ou contextos históricos, de fazer ‘reviver’ emocionalmente o passado, mergulhando o espectador no calor das batalhas, nos dramas dos perseguidos, nas maquinações dos conspiradores, nas paisagens intocadas de outros tempos, dando-lhe o estatuto, ainda que ilusório, de testemunha. O cinema, sobretudo, o de temática histórica, tem assim um papel fundamental na construção da percepção do passado, na estruturação de memória coletiva a partir de um campo ficcional que é apresentado e percebido como real (REIGADA, 2013, p. 46), concorrendo com o próprio discurso da historiografia, podendo potencialmente alterar o sentido individual ou coletivo sobre passado. Como refere Rosenstone,

film can plunge us into the drama of confrontations in the courtroom or the legislature; the simultaneous, overlapping realities of war and revolution; the intense confusion of men in battle. Yet in doing all this, in privileging visual and emotional data and simultaneously downplaying the analytic, the motion picture is subtly - and in ways we don't yet know how to measure or describe - altering our very sense of the past (1995, p. 32).

Reconhecendo as limitações e as distorções que o cinema pode introduzir na percepção da História, devemos mais uma vez sublinhar a legitimidade da sua capacidade de construir explicações e discursos sobre o passado, de trabalhar o tempo e o espaço históricos, de, através da arte, comunicar a História.

Embora desafiante e complexa, a relação cinema-História, encerra em si muitas potencialidades didáticas, permitindo trabalhar o filme no contexto da aprendizagem de conteúdos históricos – na sua capacidade de transportar no tempo, de envolver emocionalmente, de tornar as personagens históricas mais reais, de criar empatia histórica, mas também, no desenvolvimento de competências de análise do objeto fílmico enquanto produto do seu tempo, ou seja, ler a intencionalidade do discurso, da estética, da construção dos factos históricos, à luz de um determinado presente, ou seja, de trabalhar o filme como uma fonte histórica.

A UTILIZAÇÃO DO FILME COMO RECURSO NAS AULAS DE HISTÓRIA

Como Ferro refere, “o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História” (FERRO, 2010, p. 86). E é por isso que, se interrogados sobre a validade da utilização do filme enquanto recurso educativo na aula de História, a maior parte dos professores concordará que esta estratégia, desde que devidamente integrada na prática letiva (na verdade, tal como qualquer outra), produzirá efeitos positivos na aprendizagem.

Contudo, a reação desses mesmos professores passará de imediato por questionarem, por um lado, como encontrar tempo para colocar em prática uma estratégia que tire partido da janela que os filmes podem abrir sobre o passado e, por outro, qual será a melhor metodologia a adotar pois,

una película no basta con verla. Hay que analizarla con ojo crítico con el fin de sacarle todo el partido posible, para comprenderla mejor y valorar el cine como contador de historias, como transmisor de valores y como portador de arte y de conocimientos (SÁNCHEZ, 2003, p. 46).

Não existe ainda consenso sobre a melhor estratégia a adotar. Consenso existe, sim, no entendimento de que o filme deve ser enquadrado na aprendizagem, recordando aos alunos que, na maioria dos casos, os filmes são comerciais. Assim, o valor da imagem e do espetáculo será sempre maior do que o rigor histórico que na obra poderá ser colocado.

De facto, uma vez que tanto podemos utilizar filmes “didáticos”, ou seja, cujos conteúdos foram preparados especificamente para o contexto escolar, como filmes “comerciais”, é importante que os docentes façam uma reflexão prévia sobre os mesmos. Mais do que isso, é necessário que estejam conscientes de que “educar para a leitura fílmica, [...], significa sensibilizar-se, saber sensibilizar, formar o estudante por meio de experimentação e envolvê-lo em todo o processo de ensino-aprendizagem” (MOREIRA & NEJMEDDINE, 2015, p. 14).

Tiago Reigada (2013) reflete a este propósito, indicando que,

o ponto de partida sugerido para a introdução do filme histórico na sala de aula é, pois, fazer com que os alunos percebam que a disciplina de História não pretende apenas estudar o passado, mas sim pensar o passado para compreender o presente; o filme deverá, também, obedecer a esta prerrogativa (REIGADA, 2013, p. 70-71).

Para isso acontecer, é necessário criar o espaço para preparar a visualização e,

a posteriori, para debater o que acabou de ser visto, para além de proporcionar um momento para uma análise não só do período histórico a que reporta o filme mas também do próprio realizador, das suas motivações e das condições de produção do mesmo (ALVES & ALVES, 2016).

Contudo, a preocupação com o tempo que os docentes habitualmente dispõem para a lecionação de todo o programa, leva a que esta estratégia seja, não raras vezes, colocada de parte. Para além disso, afigura-se importante que os docentes consigam ultrapassar o obstáculo do tempo, uma vez que “utilizar o extraordinário fascínio do cinema para despertar e desenvolver n[os estudantes] o gosto pela interpretação e pela polémica” (NÓVOA, 1995, p. 7), poderá proporcionar um encontro com a informação histórica mais profícuo e duradouro.

Para isso, há que encontrar outras formas de trazer o filme para a sala de aula, sem que isto se torne um problema. Desta forma, alguns autores acabam por defender que a melhor solução será a utilização do cinema de documentário ou de curtas-metragens, cuja duração é, habitualmente, bastante mais reduzida. Nesse sentido, Campos refere que

o cinema pode ser mais útil, na sala de aula, na forma de documentários ou curtas de ficção. Eles possibilitam, após preparação, passar o filme e discuti-lo durante o período de uma aula. Não parece muito correto utilizar duas ou três aulas, em dias diferentes, para passar um filme e somente discuti-lo na outra semana (CAMPOS, 2006, p. 2).

Outra solução que também parece reunir algum consenso é a da visualização de apenas alguns *frames* selecionados do filme escolhido, uma vez que a análise do filme não precisa referir-se à totalidade da obra mas apenas a alguns

Etapas	Atividades
1ª etapa	Abordagem teórica do filme Apresentação da ficha técnica e explicação sobre a mensagem e o contexto do filme.
2ª etapa	Visionamento de excertos selecionados do filme, acompanhado de um pequeno guião-questionário.
3ª etapa	Debate sobre as ideias veiculadas no filme, direcionado para as ideias mais próximas da matéria histórica em estudo (as etapas na perseguição aos judeus; os campos de concentração; o gueto de Varsóvia).

Tabela 1 - Etapas de exploração do filme “O Pianista”

extratos (FERRO, 2010). Recorrendo a esta estratégia, podem até ultrapassar-se problemas relacionados com a dificuldade de compreensão da multiplicidade de informações que são veiculadas através dos filmes, cabendo ao professor a tarefa de selecionar aquilo que verdadeiramente poderá importar e, desta forma, contribuir para focar a atenção dos alunos apenas no mais importante (PEREIRA, 2012).

Tomamos como exemplo o filme *O Pianista*, de 2002, realizado por Roman Polanski, cujo enredo relacionado com o período da Segunda Guerra Mundial e o Holocausto o tornam pertinente enquanto estratégia didática durante a lecionação destas temáticas. Para o interligar de forma construtiva nas aprendizagens relativas à Segunda Guerra Mundial e ao Holocausto apresentamos três etapas, conforme Tabela 1.

Na primeira etapa afigura-se importante explorar com os alunos as ideias tácitas que estes têm a propósito da temática do Holocausto, para que durante a visualização do filme estejam mais despertos para os elementos que vão sendo apresentados (tome-se, como exemplo, as restrições que pouco a pouco vão sendo impostas aos judeus, as humilhações de que foram sendo alvo ou a questão do gueto de Varsóvia¹).

A segunda etapa passa pela visualização parcial do filme. De um total de cerca de 150 minutos, os aspetos históricos mais marcantes e uma necessária articulação entre as cenas, de forma a manter a perceção global do filme, podem somar cerca de 75 minutos, de acordo com o que propomos no Anexo 1. Estas cenas devem ser acompanhadas de um breve questionário, que permita aos alunos o acompanhamento do filme enquanto são alertados para as questões mais pertinentes, mais gerais ou de pormenor do filme. Isto permitirá, desejavelmente, que os alunos sejam então capazes de, após a visualização, debater com o seu professor as questões mais relevantes (3ª etapa).

Uma terceira opção passa pela interdisciplinaridade. Quer isto dizer que poderá o docente de História articular com outro professor da turma no sentido de entre as duas disciplinas ser visualizada a totalidade do filme, “*desenvolvendo um projeto entre disciplinas, utilizando um filme que permita explorar distintos conteúdos escolares*” (CAPARÓS-LEA & ROSA, 2013, p. 206).

São diversos os exemplos de filmes que podem ser abordados em diferentes disciplinas. Neste caso, caberá aos docentes fazer entre si também a

1 Aproveitamos para chamar a atenção para o facto de que por vezes os filmes proporcionam a ligação entre o passado e o presente. No caso do filme que aqui

indicamos, essa questão pode tornar-se pertinente pois pode ser uma oportunidade para debater com os estudantes a questão dos “guetos atuais”, como é o caso dos campos de refugiados.

preparação e gestão da forma como será apresentado o filme aos alunos. O importante será manter a devida preparação, tal como atrás já foi referido, nomeadamente seguindo as etapas que apresentámos na Tabela 1, tendo o cuidado de articular devidamente entre as disciplinas.

Um exemplo de exploração fílmica a nível interdisciplinar poderá ser o filme *O Gladiador*. A propósito desta película, Moreira e Nejmeddine (2015) apresentam uma grelha de exploração elaborada por Ercília Costa, na qual fica a sugestão de que a globalidade do filme seja feita fora do espaço da aula, mas havendo lugar para a exploração de cenas do filme em disciplinas como História/História da Arte, Educação Física, Filosofia, Educação Moral e Religiosa e Português (MOREIRA & NEJMEDDINE, 2015, Anexo 3).

Qualquer que seja a opção tomada, o mais importante parece ser a possibilidade de encontrar um espaço onde os alunos sejam levados a ultrapassar o hábito que neles se vem desenvolvendo de adotar uma atitude passiva perante o filme, nomeadamente porque os jovens “*tend to take in entertainment movies, instructional videos, and documentaries alike without contemplation or questioning of the images and ideas being presented*” (FULLER, 1999, parag. 3).

É por esse motivo importante que a visualização do filme seja sempre acompanhada de um guião que poderá passar por uma orientação em relação ao que se irá ver ou apresentação de algumas questões relevantes do filme, que deem aos estudantes os recursos necessários para que passem de passivos observadores a ativos colaboradores na construção do seu próprio conhecimento histórico. De facto, a utilização deste recurso didático deve ter a mesma aplicação prática que qualquer outro: servir para o estímulo das aprendizagens dos estudantes, para gerar discussões e efetivo conhecimento. De outra forma, nada mais será do que um momento

lúdico e sem interesse efetivo para a sala de aula.

Neste campo, as decisões dos professores têm passado, em grande parte, por dar aos seus estudantes fichas de trabalho a realizar fora do espaço da sala de aula, em particular quando se trata da visualização global de um filme. No caso de documentários mais pequenos, ou de passagem de apenas trechos de filmes, a disponibilização de pequenos questionários, a serem preenchidos durante a visualização, torna-se também uma possibilidade. Esta poderá permitir até que os estudantes vão sendo alertados para diferentes aspetos do tema que estará a ser tratado e, dessa forma, estarem mais aptos a discutir, no final, as questões mais pertinentes que ao filme/documentário estarão associados.

Neste debate a realizar com os estudantes, é importante não só que estes identifiquem todas as questões que o filme trata e que se coadunam com a matéria que está a ser estudada, mas até levar os estudantes a perceber que, para além daquilo que é mostrado no filme, é preciso também entender o que não está lá e que cada filme que visualizam, mesmo que de teor histórico, não é a realidade mas apenas uma possível representação dessa realidade. Tal como Nova indica, uma das etapas de análise do filme pode mesmo passar pela identificação de “elementos inconscientes existentes no filme, ou seja, [...] tudo o que existe na película que escapou à atenção ou ultrapassou as intenções de quem a produziu” (NOVA, 1996, s.p.).

Veja-se, a propósito das interpretações que podem estar a ser retratadas, o exemplo das películas *Cartas de Iwo Jima* e *Bandeiras de nossos pais*, ambas realizadas por Clint Eastwood, e que nos contam duas perspetivas diferentes de um mesmo acontecimento. Ainda que seja praticamente impossível ao professor de História mostrar ambos na sala de aula, partes dos dois poderão ser visualizadas como forma de contrapor ideias e

gerar debate entre os estudantes.

O debate, a análise do que é visualizado, é o mais importante quando se utiliza o filme enquanto recurso didático. Promotor da oralidade e do desenvolvimento das competências ao nível da comunicação em História, é nesse espaço que o estudante tem a oportunidade de refletir sobre o que acabou de visualizar, fazer as suas interpretações e construir, com a ajuda do professor e dos próprios colegas, mais conhecimento histórico. Como referem Caparrós-Lera e Rosa (2013), *“desta forma, estará estimulando nos estudantes as capacidades investigativas do historiador: a curiosidade, a comparação, a dedução, o trabalho com fontes”* (p. 202).

NOTAS FINAIS

Apesar dos debates em torno da validade da utilização do filme enquanto fonte histórica, tanto o potencial dos seus conteúdos como a janela que consegue abrir para o passado abrem demasiado espaço à empatia e à comunicação históricas para que esta estratégia seja evitada. Contudo, os filmes podem ser visualizados enquanto potencial fonte histórica, desde que devidamente contextualizados, quer em relação ao período histórico a que reportam, quer até aos discursos que podem estar subjacentes a esses registos fílmicos (NOVA, 1996). Por isso, é importante usufruir das suas qualidades e saber levar os estudantes a extrair a mensagem transmitida por esse “contador de histórias” (SÁNCHEZ, 2003) de uma forma que enriqueça as aulas de História.

Para que tal aconteça, é fundamental que os estudantes sejam integrados nesse processo enquanto ativos exploradores, sendo eles próprios a reconhecer tanto as potencialidades como os limites que o filme pode ter, atuando um pouco como faz o historiador, ou seja, analisando, deduzindo e construindo novo conhecimento (CAPARRÓS-LERA & ROSA, 2013).

Contudo, o tempo para que estas atividades se desenvolvam não raras vezes escasseia. Por esse motivo foram propostas três metodologias para a sua concretização e que passam pela escolha de obras de curta duração, pela seleção de algumas cenas mais relevantes e que continuem a poder mostrar o fio condutor da história narrada, ou pela interdisciplinaridade, usando diferentes disciplinas para a visualização do filme e, dessa forma, obtendo diferentes visões para que este possa ser usufruído na sua totalidade, bem como explorado em toda a sua dimensão.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, L. M. & ALVES, P. Aprender com o cinema: da narrativa à didática. In J. A. MOREIRA & V. FERREIRA (org.). **Cinema e Educação: convergências para a formação cultural, social e artística**. Santo Tirso: Whitebooks, p. 13-31.

BURKE, P., **Testemunha Ocular: história e imagem**. São Paulo: EDUSC, 2004.

CAMPOS, R. Cinema, geografia e sala de aula. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, 4(1), p. 1-22, Junho 2006.

CAPARRÓS-LERA, J. M.; ROSA, C. S. O cinema na escola: uma metodologia para o ensino da História. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 189-210, jul./out. 2013.

FERRO, M. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FULLER, K. **Lessons from the Screen: Film and Video in the Classroom**. American Historical Association [weblog-post], 1999. Retirado de <https://www.historians.org/publications-and-directories/perspectives-on-history/april-1999/lessons-from-the-screen-film-and-video-in-the-classroom> (acessível em 20/03/2017).

- MARTÍNEZ-SALANOVA SÁNCHEZ, E. Valores de la Comunicación y la comunicación en valores. In **"HACIA LA CIUDAD EDUCADORA" ACTAS DEL CONGRESO EDUCAR EN MÁLAGA**. Málaga. 2003. p. 209-211.
- MOREIRA, J. A. & NEJMEDDINE, F. **O vídeo como dispositivo pedagógico e possibilidades de utilização didática em ambientes de aprendizagem flexíveis**. Santo Tirso: Whitebooks, 2015.
- NOVA, C. O cinema e o conhecimento da História. **O Olho da História. Revista de História Contemporânea**, Salvador, Bahia, v. 1, n. 3, s.p., 1996.
- NÓVOA, J. Apologia da relação cinema-história. **O Olho da História. Revista de História Contemporânea**, Salvador, Bahia, v. 1, n. 1, p. 249-271, Nov. 1995.
- NÓVOA, J. A teoria da relação cinema-História como base para a epistemologia da razão poética e para a reconstrução do paradigma historiográfico. In CAMARERO, Gloria (eds.), [et al.]. **Una ventana indiscreta, la Historia desde el cine**. Madrid: Ediciones JC, 2008. p. 33-63.
- PEREIRA, P. D. M. P. **O cinema enquanto recurso educativo na aprendizagem de história e de geografia: Uma exploração com alunos do 8º ano de História e alunos de 11º ano de Geografia**. Dissertação de Mestrado em Ensino de História e de Geografia no Terceiro Ciclo do Ensino Básico apresentada à Universidade do Minho, Instituto de Educação, 2012.
- KAES, A. History and Film: Public Memory in the Age of Electronic Dissemination. **History and Memory**, vol. 2, n. 1, p. 111-129, 1990.
- REIGADA, T. **Ensinar com a Sétima Arte: o espaço do cinema na didática da História**. Dissertação de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013.
- ROSENSTONE, R. **Visions of the past: The challenge of film to our idea of history**. Cambridge, Massachusetts/London, England: Harvard University Press, 1995.
- SÁNCHEZ, E. El valor del cine para aprender y enseñar. **Comunicar: Revista Científica de Comunicación y Educación**, 20, p. 45-52, 2003.
- SORLIN, P. How to look at an historical film. In LANDY, M. **The historical film: history and memory in media**. London: The Athlone Press, 2001. p. 2.